

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REALIDADE OU UTOPIA?¹

Joice Rodrigues Modolon²

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar a diversidade cultural no âmbito da educação inclusiva a partir da reflexão sobre os papéis do professor e da escola em que ambos estão inseridos. Para tanto aborda a importância da educação inclusiva como desafio para uma percepção diferenciada dos sujeitos tutelados. A diversidade trata de reconhecê-los, os indivíduos considerados especiais, como diferentes e não como pessoas desiguais, que não pertencem a esta sociedade, que não têm direitos e nem deveres consigo mesmo e para com o outro. Argumentamos que é importante que a comunidade escolar tenha condição de assistir e desenvolver este ser humano e que a escola tenha condições de infraestrutura e equipamentos necessários e adequados de acomodação desta criança no meio em prol do seu desenvolvimento. Portanto, é preciso oferecer subsídios teóricos e metodológicos na busca da equidade de direitos entre os diferentes no ambiente escolar com o intuito de apaziguar a relação diante de certos *tabus* sociais.

Palavras-Chave: Educação inclusiva; Diversidade cultural; Ambiente escolar.

EDUCACIÓN INCLUSIVA: REALIDAD O UTOPIA

RESUMEN:

Desde la reflexión sobre el papel de la maestría y de la escuela. El presente artículo tiene como objetivo analizar la diversidad cultural en el marco de la educación inclusiva. Para que se refiere a la importancia de la educación inclusiva como un desafío a una percepción diferente de los sujetos tutelados. La diversidad viene reconocer los individuos considerados especiales, diferentes y no tan disímiles como otras personas en esta sociedad. Los tutelados tienen derechos y ningún deber para sí mismo y para los demás. Sostenemos que es importante que la comunidad escolar proporcione condiciones para ayudar el desarrollo de este ser humano. Además las condiciones de infraestructura y equipo de alojamiento son necesarios para que el medio de este individuo sea favorable para su desarrollo. Por lo tanto, los enfoques teóricos y metodológicos, en la búsqueda de la igualdad, nos ofrecen elementos para pensar los derechos en el ambiente escolar con el objetivo entre los actores sociales.

Palabras clave: Educación inclusiva; Diversidad cultural; Ambiente escolar.

¹Artigo orientado pelo Prof. Dr. Christian MulekaMwewa.

²Mestranda em Educação -Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL (2012-A). Professora dos Cursos Superiores de Tecnologia em Processos Gerenciais e Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia SENAC – Tubarão – Santa Catarina - Brasil. Endereço: Rua Sílvio Cargnin, 1363 – Monte Castelo – Tubarão/SC. CEP: 88.710-260. E-mail: joicerm23@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende tematizar a educação inclusiva sobre a ótica da necessidade de refletir sobre o papel do professor na escola a partir da diversidade social que se reflete na educação inclusiva.

Para Botini, Bruno e Brandão (2002) a educação inclusiva baseia-se em três princípios que são: igualdade, equidade e disponibilização de condições para a garantia de qualidade. Para que isso ocorra torna-se necessário a participação e colaboração da sociedade para a reconstrução e solidificação da democracia e que o indivíduo exerça o papel de cidadão. Cidadão com olhos e mente aberta para aceitar o diferente com normalidade e não para julgar ou sentir pena do outro. Aceitar as diferenças com o outro requer atos e ações para consigo mesmo e com o próximo.

Promulgar a igualdade foi um passo difícil para a humanidade. Muito mais difícil é existir em cada ser humano, esse ideal. Mesmo legitimada, a igualdade não foi e, ainda, não é suficiente, porque agora desejamos o direito à identidade, a pluralidade cultural e de valores e, mais, desejamos reconhecer e defender essas diferenças. Discutir a igualdade, discutir a diferença e reconhecê-las, exige também refletir e entender a intolerância. A intolerância se manifesta contra aqueles concebidos como os de fora, os inadaptáveis, os incontroláveis, aqueles que chamamos de excluídos. (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2011, p. 126).

Parece utopia falarmos de educação inclusiva em um país com alto índice de analfabetismo e, que em algumas regiões do país, crianças e jovens em idade escolar não têm acesso à escola e ambicionamos promover a inclusão. Strieder; Zimmermann (2011, p. 126) enfatizam que “mesmo assim, existem, ainda, procedimentos excludentes subterrâneos que, em nome do talento e do dom, desqualificam crianças e jovens por, supostamente, não possuírem a mesma capacidade de outros”. Como promover uma educação inclusiva aos excluídos numa sociedade que reina a desigualdade? Estes pressupostos precisam fazer parte do dia a dia do educador, instituição escolar e órgãos governamentais para que seja dado o primeiro passo para a educação inclusiva.

Cabe à pergunta, os profissionais da educação estão preparados para atender essa demanda? Segundo Vygotsky (1995) apud Lima (2006, p. 21) “os princípios de desenvolvimento humano são os mesmos para todos os sujeitos. Todo ser humano é

educável [...]”. Também corrobora com Vygostsky, Strieder; Zimmermann (2011, p. 126) que asseguram a fala “desejar fazer inclusão escolar, objetivando uma sociedade inclusiva, exige o desejo de olhar o ser humano de um modo distinto e pensar com uma lógica diversa, do contrário o projeto humano pode não ter futuro”. São realidades distintas que requer dedicação e atenção diferenciadas, bem como formação e docentes capacitados, estratégias metodológicas e recursos didáticos também diferenciados para o mesmo conteúdo lecionado na classe para que a pessoa sinta-se parte de um todo.

Segundo Mwewa (2009):

Diante da necessidade de se criar um espaço que contemple as manifestações consideradas subalternas, porém sem essencialismos, Canclini argumentaria que este espaço pode ser proporcionado pela globalização [...] que dita o ‘quê’ e ‘o como’ devemos nos portar diante da cultura produzida em escala industrial e convertida em produto a ser consumido.

Portanto,

[...] um número muito substancial de trabalhadores deve estar incluído entre os receptores desses produtos”, através do consumo muitas vezes incentivado pelos meios de comunicação de massa, que em última análise, legitimam tal indústria, concluiria Hall (2003, p. 253).

Pensemos, em relação ao imperialismo popular, sobre a história e as relações entre o povo e um dos principais meios de expressão cultural: a imprensa. [...] a efetiva inserção em massa de uma audiência desenvolvida e madura da classe trabalhadora num novo tipo de imprensa comercial popular. [...] Isso exigiu um[a] reorganização geral da base de capital e da estrutura da indústria cultural (HALL, 2003, p. 251).

Claro está que, continua Mwewa (2009), “este consumo não se dá no mesmo nível em todas as camadas sociais onde ocorre. As necessidades são outras e diferentes, assim como a possibilidade de saná-las, porém, são igualmente oferecidas pelas ‘indústrias culturais’”, na expressão de Garcia Canclini, diz Mwewa (2009), mesmo quando concebemos que:

[...] las prácticas de los pueblos originarios revelán cuantas veces las diferencias culturales en vez de sostenerse como absolutas, se insertan en sistemas nacionales y transnacionales de intercambios para corregir la desigualdad social (CANCLINI, 2006, p. 49).

Assim, conclui Mwewa (2009) inspirado em Canclini (2006), “não basta legitimar tal integração sem considerar o quanto é limitado o transnacionalismo desta, integração, se pensada a partir das populações periféricas”.

E por fim, reconhecer que todo ser humano é diferente uns dos outros. Respeitar as potencialidades e fragilidades é aceitar a diversidade humana que existe em cada um de nós.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS PARA O CONTEXTO ESCOLAR

A educação inclusiva pode proporcionar uma reflexão e ação acerca da diversidade, contribui Ferreira (1986, p. 915)apud Lima (2006, p. 20)“a diversidade mostra como somos diferentes no aspecto físico, psicológico e cultural”. A educação inclusiva no contexto escolar não é simplesmente incluir e aceitar o indivíduo especial em nosso meio. A diversidade trata de reconhecê-lo, o indivíduo, como diferente e não como pessoa desigual, que não pertence a sociedade sem direitos tão pouco deveres consigo mesmo e para com o outro.

Outrora as turmas eram separadas por A, B, C, ou seja, os alunos eram separados conforme o “grau de inteligência”, como se fosse possível dizer assim: pra este tipo de turma o educador aplica este conteúdo com esta estratégia metodológica, pra outra turma aquele conteúdo e essa estratégia e assim sucessivamente. Agora, cabe a pergunta: é possível fazer inclusão numa educação que distingue seres humanos? Que muitas vezes usa juízo de valor para dizer este aluno é assim, este é mais esperto, o outro é menos esperto.

Para Soares; Godoy (2008, p. 12) “a relação que o eu mantém com o outro deve ser a partir da diferença [...] o fato de não convergir, não significa que não podem andar paralelas”. Educação inclusiva proporciona a quebra desses paradigmas, pois refletir, aprender e observar o outro, compreendendo suas diferenças e buscar aprimorar nossas deficiências com as habilidades das outras pessoas. O convívio, a troca de experiência com o outro é o que vai nos levar a crescer como pessoas, profissionais e em vários aspectos do nosso ser inclusive a nossa evolução psíquica e espiritual.

O ser humano portador de alguma deficiência, seja física e/ou mental será visto no primeiro momento com estranheza, alguém incapaz, conseqüentemente, considerando-os diferentes, mas quem é diferente? Nós ou eles? Depende do ponto de visto, da aceitação do ser diferente, do respeito à diversidade humana, pois somos todos diferentes, cada um com suas limitações, fragilidades e imperfeições físicas e/ou mentais.

O fato de convivermos e vivermos juntos em um ambiente exige de nós uma dedicação, entusiasmo, amor e sabedoria. Aceitá-lo em sua plenitude, pois somos tão frágeis quanto os ditos diferentes, cada uma em sua diversidade.

São muitos os tabus e os desafios impostos quando falamos de educação inclusiva e o ser humano não está preparado para lidar com tais situações, sejam elas, com indivíduos portadores de deficiências, de miséria, de agressões, de dependência química, de racismo, crenças dentre outros.

Os problemas sociais aparecem, desaparecem e ressurgem e no Século XXI sem limites entre as fronteiras com nações globalizadas continuam-se mostrando as fragilidades sejam elas estruturais, psicológicas e de qualidade que deveriam proporcionar ao indivíduo o bem estar necessário no ambiente onde este esteja inserido seja, familiar, escolar e no mercado de trabalho.

Também os equipamentos e materiais inadequados ou a falta destes, estruturas inadequadas ao bem estar social do indivíduo, professores despreparados, negligência do poder público e das instituições de ensino são fatores que agravam o processo de inclusão na sociedade e na escola.

O desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulada “A inclusão escolar e os desafios da aprendizagem” conduzida por Strieder; Zimmermann (2011, p. 136) afirma que “A ordem legal faz parte da vivência em sociedade [...] mas se ficarmos somente com esta parcela reducionista, tudo o que construirmos com base nela, cairá por terra, pois a lei mata o espírito”. Para que de fato tenhamos uma educação inclusiva, os profissionais da educação, diretores, coordenadores, pedagogos, professores e demais colaboradores precisam ter vontade e amor, vontade de aceitar o outro por suas diferenças, doar-se, de criar estratégias metodológicas que proporcionem aprendizagens significativas do conteúdo estudado, respeitando suas individualidades. Para Maturana apud Strieder; Zimmermann (2011, p.133) discorre que “amar é abrir um espaço de interação recorrente com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências”. É através desta relação de amor, ternura e vontade em aceitar o outro com suas diversidades, foi o que relatou o professor pesquisado por Strieder; Zimmermann (2011, p. 133):

[...] fundamental primeiro o querer. Eu preciso primeiro querer receber, aceitar, adotar, ajudar, enfim estar em condições para poder oferecer alguma ajuda. Penso que tem um fator que é fundamental para fazer parte

destas situações: a disponibilidade interna que a pessoa precisa ter e desenvolver uma atitude de cuidado.

Como citado no depoimento do professor, primeiro o professor precisa querer, mas, já existem em muitas escolas, embora seja a minoria, profissionais com esta iniciativa de querer incluir o excluído, criando estratégias metodológicas diferenciadas para inseri-lo no contexto escolar, muitas vezes, a escola não tenha condições necessárias para atendê-los decorrente da negligência dos poderes públicos.

Os profissionais da educação têm que dar o primeiro passo, foi o que fez um grupo de educadores da escola EMEB Helena Zanfêlici da Silva, em São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo e afirmam que o trabalho em equipe é primordial para o sucesso das atividades e o desenvolvimento do aluno, os profissionais da educação ministram o mesmo conteúdo para todos os alunos, diversificando somente as estratégias metodológicas e recursos didáticos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem (Bibiano; Fernandes, 2011).

Neste imenso Brasil, são poucas as realidades como a citada anteriormente, profissionais especializados e estrutura apropriada para aceitar o aluno diferente em nosso meio e promover o mesmo conteúdo a todos os alunos sem distinção, somente mudando as estratégias metodológicas e os recursos didáticos, diversificando-os para que o aluno aprenda de acordo com ritmo e estilo de aprendizagem.

É analisar junto com toda equipe escolar o processo de ensino e aprendizagem deste aluno. São iniciativas como estas que precisam ser seguidas e implementadas nas escolas da rede pública e privada de ensino.

Conforme Barbosa (2001) relata que a psicopedagogia trás contribuições para o interior das instituições, focando na visão interdisciplinar, holística, sistêmica. Onde possibilita ver o aluno como um todo, dessa forma o professor encontra-se apto para trabalhar com o aluno e desenvolver sua aprendizagem, respeitando seu ritmo e suas diferenças.

Outra reflexão interessante de Barbosa (2001) diz que a psicopedagogia se apóia nos quatro pilares (saber, ser, fazer e compartilhar), possibilitando novamente ver o aluno como um todo, como um ser único. Capaz de desenvolver intelectualmente, fisicamente e motoramente a formação do cidadão.

A escola tem o compromisso com a aprendizagem e desenvolvimento do ser humano. Cabe ao diretor, supervisor, orientador e professor utilizar a mesma linguagem buscando observar atentamente o comportamento desse aluno e propor estratégias metodológicas diferenciadas aos alunos que possuem algum tipo de dificuldade, porém o mesmo conteúdo deve ser dado a todos que compõem a classe, deste modo, estamos contribuindo e realmente exercendo o papel de uma sociedade que inclui o ser diferente no contexto escolar.

O professor sendo o que diretamente trabalha com o aluno precisa entrar e participar no mundo aluno, colocando-se não apenas como transmissor do conhecimento, mas mediador das atividades e ações propostas no dia a dia da escola.

Os profissionais da educação têm a responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem e é necessário saber ouvir, ganhar a confiança do aluno, conhecê-lo, trocar experiência, levantar sua auto-estima, passar segurança, assim sem dúvida o processo de ensino-aprendizagem já está começando a acontecer.

É nítido a persistência, a dedicação e o respeito que o professor tem que ter com seus alunos, nas tentativas de erros e acertos, pois, a maioria dos educadores não está apta para lidar com situações reais, sejam quais forem às deficiências encontradas no ambiente escolar e, nem se quer treinamento adequado, mas, tem vontade, iniciativa, preocupação com o outro e articula, criando mecanismos para incluir o aluno no meio educacional.

Hoje se faz necessário ter um preparo para atuar em sala, independente de termos um aluno com problema ou diversas anomalias. A partir do momento que se opta por ensinar, por trocar experiência, por se responsabilizar pelo processo de ensino-aprendizagem, se faz necessário observar o aluno e se envolver com cada um, para melhor compreendê-lo e contribuir com sua aprendizagem e com sua formação de cidadão.

Caso a instituição de ensino não possua um profissional da área de psicopedagogia, os professores juntamente com a equipe escolar, neste caso, poderão orientar os pais e/ou responsáveis e/ou o próprio aluno a procurar ajuda psicológica, por exemplo.

A comunidade escolar (professores, alunos e pais) é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, seus atos e atitudes perante a sociedade.

Deve-se ainda considerar que o objetivo do aluno perpassa o mero repasse de informações, mas também a formação com base em conhecimentos, habilidades e atitudes

necessárias a construção do cidadão e profissional que seja bem sucedido pessoalmente e dentro do mercado.

A mediação do conhecimento com os alunos devem levar a seu autoconhecimento, sabendo lidar com seus pontos fortes e quais pontos deveriam ser desenvolvidos, o que muitas vezes passa pelo auxílio de profissionais da área de como psicopedagogos, psicólogos e pedagogos.

Segundo Lima (2006) enfatiza que a legislação brasileira determina que toda criança com algum tipo de deficiências deva ser educada na escola comum, com condições iguais de acesso e permanência na mesma. É importante reforçar que esta aceitação não seja meramente formal, mas que os educadores, ou melhor, a comunidade escolar tenha condição de assistir e desenvolver este ser humano e que a escola (por meio dos recursos municipal, estadual e federal) tenha condições de infraestrutura e equipamentos necessários e adequados de acomodação desta criança no meio em prol do seu desenvolvimento.

Como se pode perceber, falar em educação inclusiva passa por toda uma mudança de comportamento, de mentalidade, ver o ser humano e as relações humanas sobre outra ótica. Desta forma ao invés de nos apropriarmos da palavra inclusão, devêssemos usar a palavra acolher, pois significa aceitar a pessoa do jeito que ela é, e não tentar inseri-la em algo já pré-concebido.

Ressalta-se outro ponto importante e, que, aos poucos este paradigma precisa ser rompido é a visão do professor como autoridade máxima de uma sala de aula, como um ser superior, único e detentor do conhecimento, de não pode errar, que não precisa de ajuda. Lidar com pessoas exige amor pelo ser humano, não amor enamorado pregado na literatura, mais sim a afetividade que temos dentro de nós, afetividade esta que nos diferencia dos outros animais, é sermos humildes para reconhecer que não sabemos tudo, que a contribuição do outro é tão importante quanto a minha e que o trabalho em equipe é fundamental para o sucesso do educador e educando. Enfim, visão esta que se estende para as outras relações de poder que o indivíduo exerce nas relações seja de chefia e subordinado, pais e filhos, entre outras. Detectar nossos próprios erros, de nossos superiores e familiares, visto que muitas vezes esta relação entre autoridade e subordinação não são das mais amigáveis.

Adorno (1995b) aborda outros tabus que estão impregnados nos profissionais que atuam na profissão de ensinar, bem como a sociedade, ambos contribuem para as problemáticas vivenciadas nos tempos atuais. Faz menção a docência como uma profissão de fome e que está sendo desvalorizada pela sociedade atual. Mas, também deixa claro o quanto é difícil combater os paradigmas, as injustiças, utilizando-se de única e exclusivamente do saber, do conhecimento. Estes por sua vez não serão apenas transmitidos aos sujeitos, mas estes sujeitos precisam ter o entendimento, tornando-os críticos diante dos problemas sociais impostas pela sociedade capitalista, ou seja, por nós mesmo, seres humanos.

É importante citar, o castigo atribuído ao aluno pelo professor que Adorno (1995b, p. 32) destaca “o professor como alguém fisicamente mais forte que bate no mais frágil”. Atualmente, existem leis que proíbem tal prática e deixando claro os direitos e deveres do professor, do aluno e instituição, embora muitas vezes são esquecidas. Os ataques sejam físicos e/ou verbais estão sendo vivenciados nas instituições de ensino com muita frequência.

A educação é a base para a construção do indivíduo enquanto ser, indivíduo único que precisa adequar-se as realidades impostas pela sociedade e principalmente, aceitar que o ser humano é único e diferente uns dos outros.

Retratando a sala de aula, sabemos muitas vezes que a figura do professor/educador é vista como alguém "superior" que detém o conhecimento, ou seja, detém o poder.

Salienta-se ainda a importância do professor deter o poder da autoridade em sala de aula perante seus alunos. A autoridade quando imposta não surte efeito positivo. Entende-se neste caso que o respeito deve ser conquistado através de ações exemplares e admiração, uma autoridade sábia, de respeito, de liberdade à expressão, diálogo aberto e propício a criatividade e com intuito de promover o senso crítico, desta forma formar-se-á futuros cidadãos capazes de fornecer um crescimento ao nosso país.

Enfim, o profissional da educação deve ser menos repressor e aceitar que ao atuar em uma sala de aula, e estar diante de diferentes subjetividades, logo, os seus resultados esperados, não será de maneira alguma uniformizado. Portanto, o papel de um professor é orientar os seus alunos a se ocuparem em atividades intelectuais, estimulando assim, o próprio processo de sublimação e aceitação do indivíduo diferente, mas real que interage no ambiente escolar, sem receio de ser feliz.

Percebe-se que a educação autoritária ou a autoridade educacional é perversa em relação ao processo ensino-aprendizagem na construção do ser humano, na aceitação do outro diferente, tem que ser algo espontâneo e não por obrigação, algo imposto, mas sim que contribuem para o aprendizado contínuo.

Além disso, Adorno (1995b) enfatiza a necessidade da investigação pedagógica na hierarquia latente da escola e a necessidade de desbarbarizar os tabus ora vivenciados. Desta forma, fazer educação inclusiva perante uma sociedade universal exige-se bem mais do professor do que se imagina, é algo que ainda está em período gestacional, amadurecendo, crescendo, se preparando pra nascer, pois apesar de se dizer que a educação inclusiva já existe e é praticada, ela ainda esta longe de ser a ideal.

FORMAÇÃO E DOCÊNCIA PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Os cursos técnicos e superiores voltados à formação de educadores deveriam inserir e enfatizar em seus currículos a educação inclusiva, enfim, uma sociedade que diz que o cidadão deve exercer o poder de inclusão, mas sem condições de fazê-la de fato, simplesmente estamos na onda do “modismo”. E este modismo precisa deixar de ser modismo e tornar-se realidade na sociedade, tem-se problemas sérios de inclusão e mudar essa cultura é um processo moroso, mas que precisa ter início.

Nesta perspectiva Carlos Roberto Jamil Cury que foi um dos elaboradores das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e autor do Parecer 4/2002, que trata da Educação Inclusiva em entrevista concedida ao Centro de Referência em Educação Mário Covas localizado em São Paulo/SP diz que:

A criação de uma nova cultura é um processo lento, que inclui uma série de desafios. Um deles diz respeito às mudanças físicas e estruturais, que são necessárias para permitir a inserção de alunos com necessidades especiais nas salas e escolas regulares. Outra questão é sensibilizar as crianças dessas escolas para a questão da inclusão. Um menino que é manco, cego ou tem algum outro tipo de deficiência, pode ser objeto de chacota ou discriminação pelos colegas. O terceiro desafio, e o mais importante deles, refere-se à qualificação dos professores. Não adianta você colocar um surdo numa sala onde o professor, por mais boa vontade que tenha, não está preparado para dominar a linguagem de sinais. E ainda são raros os

que estão. Temos que pensar numa preparação consciente, consequente, e rápida ao mesmo tempo, dos educadores (CURY, [21--], p.1).

Pode-se dizer que o fato de podermos contar com educadores qualificados poderá auxiliar na orientação dos educandos para a convivência coletiva com os diferentes. Até porque a noção de normalidade pode ser transitiva, pois poderá ser abreviada por um acidente de automóvel ou motocicleta, por exemplo. Neste sentido, uma vez que todos nos entendemos como seres humanos que precisamos de respeito às nossas limitações, pois a perfeição é uma utopia. Como atesta Paulo Freire nos seus diversos escritos: somos seres inacabados e precisamos uns dos outros para nos completarmos e viver em harmonia.

Portanto, segundo Cury a formação dos professores:

Deveria ser uma tarefa das escolas de Educação. A Universidade tem por obrigação dominar o que existe de mais avançado sobre esse assunto e, com isso, criar uma geração de professores preparados. Além disso, as Secretarias Estaduais e o MEC têm a obrigação de propiciar aos professores que já estão em exercício uma atualização. Trata-se de um trabalho sofisticado, difícil, mas muito estimulante e desafiador (CURY, [21--], p.1).

Nesta direção pode-se dizer que os próprios professores deveriam ter uma formação mais contundente para poderem trabalhar na formação de *outrem*. Fazendo uma digressão preliminar nos escritos do filósofo frankfurtiano Theodor Adorno podemos notar a denúncia enfática à ideia da semiformação do ser humano. Este por sua vez, está recebendo informação e desfrutando da mesma com superficialidade, não há profundidade no assunto, assim como a sociedade tem sobre o entendimento de educação inclusiva, Pucci, Zuin e Lastória contribuem dizendo que:

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo (PUCCI; ZUIN; LASTÓRIA, 2010, p. 13).

Neste sentido é possível pensar que a semiformação contribui para o avanço massificador dos dispositivos de controle a que a sociedade se propõe para a manutenção dos indivíduos na menoridade, em termos kantianos. Portanto, quanto mais deficitária é a formação das pessoas que compõem as classes sociais de uma maneira geral, melhor e mais facilmente será a manobra a que nos referimos. Ações extremamente prejudiciais ao desenvolvimento do saber crítico, da repressão à criatividade, da liberdade de expressão, pois necessita de um modelo fácil de manipular, a falta de reflexão co-habita o contexto de formação docente em todos os níveis.

Neste contexto, onde o estudante e/ou responsável compram o serviço, a educação escolar passou a confundir escolarização e consumo para ingressar no mundo dos negócios, tornando a educação, ou melhor, a lição como uma simples mercadoria. No entanto, os estudantes progridem de ano ou de fase sem que de fato este estudante tenha se apropriado do conhecimento, a destacar:

Por trás desse rearranjo dos assuntos escolares, as possibilidades de conteúdo desaparecem. Este surge como entrementes como estranho e intimidador: os conteúdos da tradição cultural seriam não mais que postos à disposição do mercado, uma vez transformados no âmbito da indústria cultural (GRUSCHKA, 2008, p.177).

Se a educação tornou-se objeto de manipulação dos interesses mercadológicos, a semiformação é o resultado da superficialidade dos conteúdos estudados, dos discursos em prol de uma sociedade inclusiva, dos direitos e deveres igualitários entre tantas outras temáticas importantes do cotidiano. O sujeito, formador, não consegue examinar o objeto em questão para que haja o aprofundamento do conhecimento a ser adquirido e questioná-lo com propriedade. Neste momento, está-se contribuindo para manutenção de uma sociedade conformista, ao invés de reflexiva e questionadora dos direitos e deveres atribuídos ao cidadão.

A educação está de fato se afastado de uma das suas essências, qual seja, promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão para todos os homens na sociedade.

Adorno (1995) defende um processo educacional capaz de criar e manter uma sociedade baseada na dignidade e no respeito às diferenças. Segundo o autor, o mundo estaria danificado e estagnado pela falta de capacidade dos indivíduos de resistir ao

processo de sua própria alienação. Mesmo quando a educação considerada ideal estiver limitada e condicionada a uma realidade nada promissora. Uma submissão natural, sem questionamentos do ser diferente que é implantado por meio de um sistema de interesses que não preserva a capacidade de evolução e ingresso no meio social de forma digna.

É necessário um projeto pedagógico que consiga libertar da opressão e da massificação, [...] cultura da sociedade capitalista impõe um mecanismo de construção da heteronomia (ou seja, a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros), fazendo o homem ser igual ao coletivo e perder, assim, sua individualidade (ADORNO, 1995a, p. 87).

De acordo com Adorno citado por Puccietall (1999) a escola se transformou em simples instrumento a serviço da indústria cultural, que trata o ensino como uma mera mercadoria pedagógica em prol da "semiformação". Essa perda dos valores anula a possibilidade do desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana. Em uma escola em que impera a banalização do conhecimento. O aluno é incentivado a deixar de ler com profundidade as principais obras literárias, por exemplo. Este procedimento possibilita à absorção de apenas alguns conteúdos necessários para responder aos exercícios escolares ou simplesmente a "decoreba" de respostas prontas, que não estimulam o raciocínio do aluno.

Exige-se um processo educacional capaz de criar e manter uma sociedade baseada na dignidade e no respeito às diferenças sejam elas, sociais, intelectuais, culturais e/ou financeiras. Ressalta-se a necessidade da reeducação dos sentidos para que o ser humano não seja manipulado e massificado. É necessário um projeto pedagógico que consiga libertar da opressão e a massificação. O caminho para isso é formar um indivíduo culto, com conhecimentos científicos, humanos e artísticos, preparado para uma vivência democrática numa sociedade inclusiva.

Segundo Strieder; Zimmermann (2011, p. 134) afirmam que "a sociedade, constituída de forma hierarquizada, contribui para o fortalecimento das desigualdades nas diferentes dimensões, e não contribui para o reconhecimento e a aceitação, do ser humano que é diferente [...]". Portanto, outro ponto importante a se refletir sobre a inclusão é a forma como a mesma é pregada nas mídias, pois ao se falar em inclusão a primeira coisa que se pensa é em construção de rampas, acessibilidade de uma forma apenas física, são os

ônibus que estão adaptados, mais os motoristas não, e assim por diante, em nenhum momento se reflete a inclusão como a aceitação do outro da forma como ele realmente é.

O cidadão acredita fielmente naquilo que vê e ouve, não buscando outros recursos para verificar a veracidade da informação, o que contribui para a manipulação em massa. E, conseqüentemente dificulta a propagação e conscientização da real situação retratada pela educação inclusiva no país. A formação proporciona autonomia e liberdade, mas tem que ser apreendida, compreendida, reflexionada e questionada.

Se cada um de nós se conscientizarmos e internalizar o objetivo da inclusão pode-se ter um mundo diferente, mais ao mesmo tempo inclusivo e igualitário onde as pessoas possam entender o sentido do ser, do fazer, do viver, do prazer, ser e fazer o outro feliz, mas não apenas do Ter. A diferença é normal e primordial para o aprimoramento dos sujeitos em comunidade. Ainda mais como educadores deve-se intervir, orientá-los, incluí-los no processo de ensino-aprendizagem sem distinção, sabendo diversificar nossas atividades para alcançar a aprendizagem em nível de todos, respeitando a individualidade de cada um, seus estilos e ritmos de aprendizagem. E aprender a aprender uns com os outros.

Areflexão ficou difícil de entender, pois é justamente nas diferenças que a educação inclusiva atua, no entanto entender que elas existem não quer dizer separar as diferenças por motivos e assim facilitar o processo educativo.

A educação inclusiva não pode ser confundida com a bondade, favor para com o outro (o diferente), mas sim deve ser tomado com o direito a ser vivenciado por todos. O sentimento de pena, de favor que a educação inclusiva sugere num primeiro momento torna-se motor para o fomento de políticas públicas de equidade social e educacional. A educação inclusiva é um processo de participação de todos os indivíduos em uma sociedade sem que haja distinção de raça, cor, sexo, religião, deficiências e limitações, sem distinção de classe social e econômica. É refletir e reestruturar-se culturalmente para aceitar que somos seres humanos diferentes uns dos outros. É fundamental entender a história, o início da educação inclusiva e da sociedade como um todo para que possamos fazer uma educação inclusiva de qualidade. Portanto, incluir o ser diferente e respeitar suas diversidades torna-se algo bem complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perfilhar o ser humano como diferente é aceitar a diversidade humana que existe em cada um de nós.

Portanto,

Reconhecer o outro como diferente, minimizar a indiferença e a intolerância discriminatória, mesmo tratando-se de uma necessidade quase inadiável, ainda nos mantém na cegueira de sua realização. Por isso, e de forma profunda, um dos grandes desafios civilizacionais, continua sendo, conhecer e efetivar o comprometimento dos seres humanos, para que recriem seus impulsos de reconhecimento do outro como outro diferente e assumam, gradativamente, o compromisso de substituir a lógica da exploração e da obediência pelo respeito mútuo, como fundamento da convivência colaborativa para com todos os seres humanos. (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2011, p. 137).

Respeitaras potencialidades e fragilidades, enfim respeitar o indivíduo em sua plenitude seja, quais forem suas diferenças sociais, culturais, econômicas, psicológicas, físicas e mentais torna-se meta de toda a educação que pretende a construção de um mundo melhor.

A educação inclusiva no ambiente escolar não é simplesmente incluir e aceitar o aluno diferente na escola, mas proporcionar ao educando um ambiente agradável, com profissionais da educação capacitados, estratégias metodológicas e recursos diferenciados para o mesmo conteúdo lecionado e infraestrutura adequada para que o indivíduo sintam-se parte do todo, possibilitando condições de aprendizagem. Isso parece um tanto utópico, pois falar e escrever torna-se muito mais fácil do que colocar em prática através de gestos e ações, mas, enquanto seres humanos, precisamos contribuir para que haja uma sociedade igualitária e comprometida com o bem estar social e, principalmente, com o processo de ensino-aprendizagem do indivíduo.

A comunidade escolar (pais, alunos e professores), as instituições de ensino juntamente com os poderes públicos nas mais diferentes esferas deveriam estar preparadas para receber os alunos considerados diferentes a partir de uma referencia esteja para além daquilo que é considerado como normalidade. A educação tem o papel fundamental neste contexto inclusivo e a de romper os tabus ora vivenciados pela sociedade. Só a educação pode transformar o indivíduo.

É importante que os educadores continuem a pensar e repensar o fazer no cotidiano escolar para que aquele ideal de educação não permaneça na utopia e o processo inclusivo seja construído e fortalecido no ambiente escolar. Somente a educação tem este poder de conscientizar, fortalecer e promover a igualdade dos seres humanos para uma sociedade inclusiva.

Educar e conscientizar o indivíduo exige de nós abandonarmos o individualismo, respeitar as diferenças e trabalhar em equipe em prol do crescimento mútuo.

Ser educador é gerar o diálogo com os alunos, é saber ouvir e refletir, questionar sobre os atos e ações que promovam o senso crítico do indivíduo, desta forma, estar-se-á contribuindo para uma educação inclusiva mais justa e fraterna.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz & Terra, 1995a.p. 169-186.

_____, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b. p.83-103.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001. p. 17-26 e 125-130.

BIBIANO, Bianca; FERNANDES, Elisângela. **Inclusão: 7 professoras mostram como enfrentam esse desafio**. [2011]. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/inclusao-7-professoras-mostram-como-enfrentam-esse-desafio-639054.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

BOTINI, Joana; BRUNO, Paulo; BRANDÃO, Sandra. **Deficiência e competência: programa de inclusão de pessoas portadoras de deficiência nas ações educacionais do Senac**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

CANCLINI, NestorGarcia. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Ed. Gedisa, 2006.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Entrevista: o que é inclusão?** [21--]. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=002>. Acesso em: 27 maio 2012.

GRUSCHKA, Andréas. Escola, Didática e indústria cultural. In: DURÃO, Fábio A.; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandes (Org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.p. 173-183.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução AdelinelaGuardia Resende...[et all]. Belo Horizonte: Edição UFMG; Brasília: representações da UNESCO no Brasil, 2003.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.p. 13-37 e 111-125.

MWEWA, M. Sobre a integração social entre desiguais. In: MWEWA, M.; GLEICIANI, F. & GOMES, P. (Orgs.). **Sociedades desiguais: gênero, cidadania e identidades**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

PUCCI, Bruno et al. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.p. 109-156.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A.S.; LASTÓRIA, Luiz A. C. Nabuco (orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 2-5 e p.7-40.

SOARES, A.; GODOY, M.O rosto, diferença exclusão segundo Emanuel Levinas. In: **Anais do III Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: Racionalidade e Diversidade e Formação Pedagógica**. Passo Fundo: Ed. UPF/RS, 2008.

STRIEDER, Roque; ZIMMERMANN, Rose Laura Gross. **Inclusão escolar: um desafio da igualdade na convivência com os diferentes**. [2011]. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtpe/volumes/v14n3/12.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2012.